



GUIMARÃES ROSA EM TRADUÇÃO PARA O INGLÊS: HITÓRIA, RECEPÇÃO E CRÍTICA

GUIMARÃES ROSA IN ENGLISH TRANSLATION: HISTORY, RECEPTION AND CRITICISM

Kamila Moreira de Oliveira*, Philippe Humblé**

RESUMO

A tradução das obras de Guimarães Rosa é discutida por diversos enfoques, destacando em especial a dificuldade de transpor a originalidade do seu trabalho com o português para outras línguas. Neste artigo, buscamos apresentar um histórico da tradução do autor na língua inglesa, considerando a importância do contexto histórico e político em que essas traduções ocorreram. Para isso, apresentamos um breve panorama das traduções e das circunstâncias históricas que envolveram o processo tradutório, com base em Barbosa (1994), Fitz (2005, 2020), Liporaci (2013) e Morinaka (2017). A partir desta análise, concluímos que não se pode descartar a imagem da literatura brasileira no exterior e as relações entre Brasil e Estados Unidos como fatores de influência na recepção e crítica das traduções de Rosa na cultura de chegada.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; literatura brasileira traduzida; recepção da literatura brasileira no exterior.

ABSTRACT

The translation of Guimarães Rosa's works is discussed from various angles, highlighting the difficulty of transposing the originality of his work in Portuguese into other languages. In this article, we seek to present a history of the author's translation into English, focusing on the importance of the historical and political context in which these translations took place. To this end, we present a brief overview of the translations and the historical circumstances surrounding

* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Ceará (POET/UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4377-2249>

** Doutor em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente da Vrije Universiteit Brussel, em Bruxelas, Bélgica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3426-3218>

the translation process, based on Barbosa (1994), Fitz (2005, 2020), Liporaci (2013), and Morinaka (2017). From this analysis, we conclude that we cannot rule out the image of Brazilian literature abroad and the relations between Brazil and the United States as factors influencing the reception and criticism of Rosa's translations in the target culture.

Keywords: *Guimarães Rosa; brazilian literature in translation; reception of brazilian literature.*

Neste artigo,¹ buscamos contextualizar o início do processo de tradução das obras de Guimarães Rosa para o inglês, o que inevitavelmente nos leva à discussão sobre a internacionalização da literatura brasileira e se ela teria se beneficiado ou não do *boom* latino-americano, mais especificamente no contexto do mercado editorial estadunidense. O autor, formando já parte do cânone literário brasileiro, entra no sistema literário da língua inglesa em um momento histórico que influenciaria de diversas formas a recepção, a comercialização e a tradução dessas obras.

Antes disso, no entanto, precisamos retornar por um momento para o início da internacionalização da literatura brasileira em países anglófonos. De acordo com Fitz (2005), algumas das primeiras traduções de literatura brasileira para o inglês são publicadas primeiramente na Inglaterra, como *Iracema*, de José de Alencar (*Iracema, the Honey Lips: A Legend of Brazil*, 1886, traduzido por Isabel Burton e Richard F.), *Manuel de Moraes: Chronica do Seculo XVII*, de João Manuel Pereira da Silva (*Manuel de Moraes, a Chronicle of the Seventeenth Century*, 1886, idem), e *Inocência*, de Visconde de Taunay (*Inocencia, a Story of the Prairie Regions of Brazil*, 1889, traduzido por James W. Wells). Algumas décadas mais tarde, as primeiras traduções publicadas nos Estados Unidos seriam *Canaã*, de Graça Aranha (*Canaan*, 1920, traduzido por Mariano Joaquín Lorente), *Brazilian Short Stories*² (1925, traduzido por Monteiro Lobato) e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (*A Brazilian Tenement*, 1926, traduzido por Harry W. Brown).

Ainda segundo Fitz (2005), até 1948 apenas doze traduções para o inglês haviam sido publicadas. A maioria das traduções da literatura brasileira para o inglês só aconteceria depois da primeira metade do século XX, um salto que será melhor compreendido com a contextualização da relação política e cultural entre Brasil e Estados Unidos.

No início da década de 20 já é possível observar nos círculos acadêmicos estadunidenses algum interesse pelo Brasil, refletido, por exemplo, na criação da primeira disciplina de História das Américas na Universidade da Califórnia, pelo historiador Herbert E. Bolton, em 1919, e na publicação das antologias *Brazilian Tales* (1921) e *Brazilian Literature* (1922), compiladas por Isaac Goldberg (FITZ, 2005). A publicação de literatura brasileira traduzida nos EUA durante as décadas de 1920 e 1930, no entanto, é esporádica e é somente a partir dos anos 1940 que começa a se intensificar em relação direta com a agenda política dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Com o objetivo de estreitar as relações com os países da América Latina a fim de inserir seus valores culturais e difundir os ideais do governo, órgãos do governo estadunidense elaboraram e executaram “ações de intercâmbio cultural para fortalecer os laços de ‘amizade’ entre as Américas” (MORINAKA, 2017, p. 663). Um dos projetos do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA), portanto, foi justamente a importação e tradução de livros latino-americanos.

¹ Apresentamos aqui parte dos resultados obtidos na pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado “Guimarães Rosa retraduzido: aspectos da mitologia indígena nas traduções de ‘Meu tio o Iauaretê’ para a língua inglesa” (OLIVEIRA, 2021).

² *Brazilian Short Stories* é composto por três contos de Monteiro Lobato: “Suplício Moderno” (“Modern Torture”), “O Engraçado Arrependido” (“The Penitent Wag”) e “O Comprador de Fazendas” (“The Plantation Buyer”) (CARTER, 2011).

De acordo com Morinaka (2017), o projeto de tradução conduzido pelo OCIAA contaria com a participação de editoras comerciais e universitárias, que receberiam o subsídio para a tradução e arcariam com os custos de publicação, divulgação e distribuição desses livros. Para contornar a suspeita da existência de uma agenda política, porém, o Departamento de Estado precisou designar alguns institutos para essa tarefa, como:

[...] o ACLS, a Inter-American Educational Foundation Inc. (IAEF), a Hispanic Foundation (HF), sediada na Biblioteca do Congresso, a Universidade do Texas, a Universidade de Chicago, e editoras comerciais como a Alfred Knopf, MacMillan, Viking Press, Farrar & Strauss, entre outras. Apesar de contar com o subsídio do Departamento de Estado, via OCIAA, as instituições (supostamente) teriam autonomia para constituir as equipes ou comissões de trabalho, determinar as diretrizes desde a concepção até a execução, e selecionar os livros que estivessem de acordo com seus interesses intelectuais, estéticos, acadêmicos ou de mercado (MORINAKA, 2017, p. 667).

A partir da década de 1940, traduções de obras brasileiras de caráter sociológico e histórico como *Os Sertões* (*Rebellion in the Backlands*, 1944, University of Chicago Press) *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (*The Masters and the Slaves*, 1946, Knopf) passam a ser traduzidas, embora ainda sem grande retorno financeiro. É nesse período que a editora Alfred Knopf, fundada por Blanche e Alfred Knopf, volta seu interesse para a América Latina. Aproveitando a política da Boa Vizinhança instituída pelo presidente Roosevelt, Blanche Knopf viaja pelo continente americano buscando novas publicações (LEVINE, 2006; LIPORACI, 2013). No entanto, a editora, responsável pela tradução e publicação de autores como Jorge Amado e Gilberto Freyre pela primeira vez nos Estados Unidos, sofreria prejuízos com a tentativa de promover escritores latino-americanos, mesmo com o incentivo do governo e seu interesse na integração entre as Américas. De acordo com Liporaci, “um dos motivos apontados como responsáveis pela baixa vendagem dos livros consiste na dificuldade de encontrar bons tradutores” (2013, p. 50), além da resistência vinda da própria cultura de chegada. Com a reabertura do mercado europeu após a guerra, o interesse do público por obras de aspecto documental ou sociológico começa a diminuir, e a próxima obra brasileira a se tornar um best-seller seria *Gabriela, clove and cinamon* em 1962.

Em 1950, Harriet de Onís se torna a principal tradutora de obras latino-americanas da editora, assim como a responsável por decidir quais obras deveriam ser traduzidas para o inglês. De Onís, à época da Revolução Cubana, resume em uma sentença o que os programas de incentivo buscavam promover: “Todo escritor latino-americano que receber o devido reconhecimento nas nossas mãos é um aliado em potencial”³ (LEVINE, 2006, p. 303), diz a tradutora, em referência ao objetivo comum à época de intensificar a integração cultural entre as Américas. O ideal de influenciar a opinião pública na América Latina através da cooptação de seus intelectuais, no entanto, não tem o resultado esperado. Segundo Levine (2006, p. 303, tradução nossa), “muitos dos escritores de maior sucesso promovidos pelas editoras americanas, como García Márquez, continuariam a manter fortes posições antiamericanas e confeririam seu prestígio a movimentos como a Revolução Cubana”.⁴

³ “Every Latin American writer who receives due recognition at our hands is a potential ally” (LEVINE, 2006, p. 303).

⁴ “[...] many of the most successful writers promoted by American publishing, such as García Márquez, would continue to maintain strong anti-US positions and lend their prestige to movements such as the Cuban Revolution” (LEVINE, 2006, p. 303).

Embora a tradução de literatura brasileira para o inglês tenha aumentado – em número de obras traduzidas e em público leitor – a partir dos anos 1960, mesmo período do fenômeno que ficou conhecido como *boom* latino-americano, o Brasil não participou tão efetivamente dele quanto se possa pensar. Ainda que, geograficamente, o país faça parte da América Latina, as obras brasileiras foram apenas indiretamente afetadas pela visibilidade repentina daquelas advindas de países hispanófonos. Para termos de comparação, Venuti calcula que, entre 1960 e 1979, “editoras britânicas e americanas publicaram 330 traduções do espanhol, mas somente 64 do português brasileiro” (VENUTI, 1998, p. 69). Torres (2014) aponta ainda que o Brasil é o país que mais edita livros na América do Sul, mas que o português nunca fez parte da estatística das línguas mais traduzidas no mundo.

De acordo com Fitz,

alguns críticos afirmam que não existe uma literatura latino-americana unificada, que o que existe é uma literatura intercontinental em processo de autoformação. [...] “Apesar de terem uma origem peninsular comum”, Monegal nos lembra que “a América espanhola e o Brasil sempre estiveram separados e distantes, desde os primeiros dias da descoberta e conquista do Novo Mundo”⁵ (FITZ, 2005, p. 22-23, tradução nossa).

No momento histórico em que começa o fenômeno literário do *boom*, as literaturas hispano-americana e brasileira de fato se desenvolvem quase que isoladas uma da outra, e assim ainda permanecem. Como coloca Carvalho (2018), embora o português e o espanhol sejam línguas mais próximas se comparadas com o inglês, ainda assim é uma diferença que “costuma demarcar uma separação cultural que torna a literatura e os autores castelhanos menos difundidos em terras brasileiras, sendo a recíproca verdadeira tanto do lado de cá do oceano atlântico, quanto na península ibérica” (CARVALHO, 2018, p. 105). Dessa forma, autores como Julio Cortázar, Jorge Luis Borges, Pablo Neruda, Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez ganham notoriedade com suas traduções para o inglês, influenciando a literatura de ficção e poesia nos Estados Unidos na época (FITZ, 2005); mas brasileiros como Machado de Assis,⁶ Guimarães Rosa e Clarice Lispector só ganhariam mais expressividade com o passar de mais alguns anos. Cabrera Infante e Jorge Amado também chamaram atenção para o modo como a denominação “literatura latino-americana” acaba se tornando mais uma questão de publicidade do que de um movimento literário organizado, levando as obras a serem taxadas somente como “latino-americanas” ou de “realismo fantástico” sem atentar para a diversidade de países e culturas envolvidas (BARBOSA, 1994; FITZ, 2005).

Usando o número de reimpressões como medida, Barbosa (1994) sugere que nos anos 1960, os editores ainda não sabiam em quais obras brasileiras investir, considerando que o número de reimpressões de obras já traduzidas era de quase metade do número de novas traduções. Nos anos 1970, o número de reimpressões diminui para menos da metade, o que indicaria que já se sabia o que traduzir, e volta a subir na década seguinte, quando as reimpressões chegam quase à mesma quantidade das primeiras edições.

A trajetória de Guimarães Rosa na língua inglesa começa alguns anos depois do estabelecimento do autor na literatura brasileira, quando Harriet de Onís se encanta com a versão em es-

⁵ “[...] some critics have argued that there is no cohesive Latin American literature, that what exists is an intercontinental literature in process of self-formation. [...] ‘Despite their common peninsular origin’, Monegal reminds us, ‘Spanish America and Brazil have always been separate and apart, since the first days of the discovery and conquest of the New World’” (FITZ, 2005, p. 22-23).

⁶ A primeira tradução de Machado de Assis em língua inglesa é publicada na antologia *Brazilian Tales* (1921), mas o autor só passa a ser notado pela crítica a partir da tradução de *Dom Casmurro* de Helen Caldwell, de 1953.

panhol de “A hora e a vez de Augusto Matraga” e entra em contato com o autor, pedindo permissão para traduzir um de seus contos (VERLANGIERI, 1993). Publicado em 1960 na revista literária *Noonday*, o conto “Duel”, tradução do conto “Duelo” presente em *Sagarana* (1946), se torna assim a primeira publicação de Guimarães Rosa em língua inglesa. Reconhecendo o potencial de Rosa como autor e seu *status* na literatura brasileira, De Onís o apresenta à editora Knopf, que decide “correr o risco” de publicar suas obras. A tradutora ainda conduziria a tradução de *Grande Sertão: Veredas* – em parceria com James L. Taylor⁷ – e *Sagarana*, ambos publicados, respectivamente, em 1963 e 1966 com os títulos *The Devil to Pay in the Backlands* e *Sagarana: a cycle of stories*.

A última obra de Rosa a ser publicada na sua totalidade em inglês na década de 1960 seria *The Third Bank of the River and Other Stories* (1968), tradução de *Primeiras estórias* (1962) realizada por Barbara Shelby. Alfred Knopf passa a cogitar outros tradutores para Rosa entre 1965 e 1966, como William Grossman, J. M. Cohen e a própria Shelby, que envia como teste de tradução as primeiras doze páginas de “Campo geral” em maio de 1965 (LIPORACI, 2013). A substituição de Onís por Shelby, diplomata estadunidense que morava no Rio de Janeiro e, portanto, tinha melhor acesso ao autor, é oficializada em 1966.

Em 1967, Knopf ainda manifesta a Rosa a intenção de traduzir *Corpo de baile* ao invés de *Tutameia* depois de *Primeiras estórias*, mas nenhum outro livro de Rosa chega a ser traduzido e publicado pela editora depois da morte do autor. A partir daí, contos selecionados de Rosa são incluídos em algumas coletâneas de literatura latino-americana ou brasileira, com destaque para “A terceira margem do rio”, que é retraduzido pelo menos mais duas vezes, uma por William Grossman na coletânea *Modern Brazilian Short Stories* (1967) e outra por David Treece em *The Jaguar and Other Stories* (2001).

De acordo com o levantamento realizado por Barbosa (1994) e expandido por Gomes (2005), até o início do século XXI somente quatorze obras literárias brasileiras traduzidas para o inglês haviam sido retraduzidas, dentre as quais podemos destacar Machado de Assis e Clarice Lispector como principais representantes. Alguns fatores podem ter influenciado o baixo número de retraduzições, como a reimpressão de obras já traduzidas, o que barateia o custo de publicação em comparação com uma nova tradução, e o interesse específico de agentes ou tradutores.

As obras de Guimarães Rosa, porém, não entram na listagem de retraduzições compiladas por Barbosa (1994) e Gomes (2005), uma vez que nunca houve, de fato, uma nova tradução completa de alguma coletânea de contos ou romance já publicado anteriormente em inglês, embora haja casos de contos traduzidos mais de uma vez para o inglês por diferentes tradutores, dentre os quais podemos destacar “A terceira margem do rio” e “Meu tio o Iauaretê”. Como veremos com mais detalhes mais adiante, apesar de as compilações citadas não considerarem a tradução de contos – isolados ou em coletânea dedicada ao autor – como uma nova retradução, consideramos aqui que a presença de Guimarães Rosa no sistema literário de língua inglesa também se manifesta nestas traduções.

Especificamente em relação à língua inglesa, atualmente existe uma retradução de *Grande Sertão: Veredas* em andamento, sendo realizada por Alison Entrekin, com previsão de término para 2021. Na época em que a dissertação de Heloísa Barbosa foi publicada, a autora menciona uma outra retradução em andamento, por Thomas Colchie, mas esta nunca foi concluída. Em relação ao surgimento de retraduzições de literatura brasileira, Barbosa comenta que:

⁷ Na verdade, à época De Onís “não se sentia preparada” para a tarefa. Rosa teria se desculpado por não conseguir acompanhar a tradução de perto e ofereceu a ajuda de Mrs. Nina Oliver, professora de inglês que ajudaria a intermediar as dúvidas. Insatisfeita, De Onís passou a tarefa para James L. Taylor, revisando a tradução ao final (VERLANGIERI, 1993; ANDRADE, 2009).

Essa necessidade pode surgir de uma percepção do Brasil e de sua cultura que está mudando no mundo anglo-americano, e pelo surgimento de bolsas de estudo sobre o país e sua cultura, o que, por sua vez, pode fazer com que tais percepções mudem. Considerando as retraduições [...] coletivamente, também pode ser possível inferir que as editoras britânicas e americanas estejam confiantes de que há um público leitor interessado nas obras de autores brasileiros, ainda que apenas dentro dos círculos acadêmicos⁸ (BARBOSA, 1994, p. 82-83, tradução nossa).

A percepção de Barbosa em 1994 antecede em alguns anos um segundo momento da tradução de literatura brasileira, marcada pela (re)entrada de autores como Machado de Assis e Clarice Lispector no sistema literário inglês, em um momento em que o Brasil, a partir de 2000 até meados de 2010, se afasta mais da imagem de submissão aos Estados Unidos. O período coincide com a reformulação do Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, da Biblioteca Nacional, e com um recorde de publicação dos autores citados no exterior (FERES; BRISOLARA, 2016; FERNANDES, 2014).

De fato, considerando a retradução como um conceito multilíngue, como sugere Amaral (2019), é também nesse período que algumas iniciativas de retradução de *Grande Sertão: Veredas* são iniciadas em espanhol (*Gran Sertón: Veredas*, por Florencia Garramuño e Moises Gonzalo Aguilar, publicada pela editora argentina Adriana Hidalgo em 2009), alemão (por Berthold Zilly, em andamento) e inglês (por Alison Entrekin, também em andamento). *Estas estórias* é retraduzido para o francês (*Mon oncle le jaguar et autre histoires*, por Mathieu Dosse, publicado em 2016 pela editora Chandeigne). Berman (2009) já considerava a análise do conjunto da obra traduzida como parte da análise de um projeto de tradução, principalmente porque é comum que tradutores consultem traduções anteriores em outras línguas enquanto realizam suas próprias traduções. Isto, como argumenta Amaral, “contribui para a formação de uma intertextualidade quase sempre em expansão feita pelo original e suas traduções em diferentes línguas”⁹ (2019, p. 254-255, tradução nossa).

Entre a entrada no sistema literário de língua inglesa na década de 1960 e sua reentrada em meados da década de 1990, portanto, Guimarães Rosa continua a marcar presença em antologias de literatura latino-americana ou brasileira com as traduções de contos já realizadas anteriormente. Em 1996, Giovanni Pontiero, professor e tradutor escocês que viveu na Paraíba entre 1960 e 1962, traduz “Meu tio o Iauaretê” para a antologia *Masterworks of Latin American Short Fiction*. Ainda que não obtivesse muito retorno financeiro, Pontiero era conhecido por traduzir e buscar a publicação de obras de autores que o interessavam, e era respeitado como tradutor de Clarice Lispector e José Saramago.

Poucos anos depois, em 2001, David Treece, atualmente professor do departamento de Português e Estudos Brasileiros do King’s College London, organiza o que seria então a primeira coletânea de contos de Guimarães Rosa traduzida desde as publicações da editora Alfred Knopf nos anos 1960. *The Jaguar and Other Stories* é composto pela tradução dos contos “Partida do audaz navegante”, “As margens da alegria”, “Os cimos”, “O espelho”, “A terceira margem do rio”, “Sorôco, sua mãe, sua filha”, que originalmente fazem parte de *Primeiras estórias*; e “Meu tio o Iauaretê” e “Os chapéus transeuntes”, de *Estas estórias*. A coletânea foi reimpressa em 2008, com

⁸ “This necessity may arise out of a changing perception of Brazil and its culture by the Anglo-American world, and by the growth of scholarship about the country and its culture which, in turn, may cause such perceptions to change. Considering the re-translations above collectively, it may also be possible to infer that UK and US publishers are confident that there is a reading public who is interested in the works of Brazilian authors, if only within academic circles” (BARBOSA, 1994, p. 82-83).

⁹ “[...] contribute to the formation of a virtually ever-expanding intertextuality made by the original and its translations in different languages.” (AMARAL, 2019, p. 254-255).

o apoio do Ministério de Relações Exteriores do Brasil, por ocasião do centenário de nascimento de Guimarães Rosa.

Ambos os tradutores mais recentes de Rosa, portanto, foram professores universitários agindo principalmente a favor de um interesse próprio no autor, respaldados por uma posição que lhes resguardava, em parte, da resposta do mercado e de algumas amarras editoriais.

Apesar do reconhecimento e da extensa fortuna crítica no Brasil, a primeira obra de Rosa traduzida para o inglês, *The Devil to Pay in the Backlands*, é recebida inicialmente pela crítica como algo *potencialmente* muito bom, mas obscurecido pela tradução. Além do enfoque geral nos aspectos regionais da obra, boa parte dos críticos também compara o estilo de Rosa com o de autores como Faulkner e Joyce, ou mesmo Tolkien (VINCENT, 1978), ou com obras específicas como *Moby Dick*.

Em um artigo de junho de 1963,¹⁰ Harvey L. Johnson comenta que “James L. Taylor e Harriet de Onís usam [na obra] um estilo convencional, que é bom de ler, mas falha em preservar o tom da língua original com sua imagética colorida”. Claude L. Hulet vai ainda mais longe ao dizer que:

A coisa mais notável deste livro recente (1956) infelizmente só chega vagamente, se é que chega, ao leitor inglês: o tratamento extraordinariamente hábil da linguagem, tão inventiva, flexível, dinâmica e sugestiva. De fato, a prosa de Rosa, tão difícil de traduzir, pode muito bem marcar um ponto de transição na linguagem literária do Brasil.¹¹

No artigo de Roger Sale sobre o livro, datado de 11 de outubro de 1963, o crítico dá a entender como o mercado estava recebendo as tentativas da editora Knopf de emplacar novas traduções de obras latino-americanas:

De fato, esse é um romance diferenciado e, talvez ainda melhor, um romance incrivelmente novo, quase o suficiente para fazer com que se perdoe o Sr. Knopf **por ter nos infligido todos aqueles outros livros “diferenciados” de autores de países estranhos que se revelam impossíveis de ler**¹² (grifo nosso).

Armstrong (2011), no entanto, acredita que o problema da recepção de Guimarães Rosa não seja somente a tradução, mas sim o interesse na obra. Como coloca Liporaci, “mesmo que muitos enfatizem o apelo universal de Grande Sertão, [...] esse sentido não é evidente – provavelmente porque o sentido universal só é atingido após o enfrentamento da superfície do texto” (2013, p. 56). Liporaci atenta, ainda, para o fato de que:

[...] se a tradução não é bem recebida, a crítica especializada tende a culpar o tradutor, enquanto grande parte do público leitor, que desconhece o texto original, relaciona o fracasso ao autor do texto e, rapidamente, excluem-no de sua lista de leitura, dificultando, assim, a circulação da obra (LIPORACI, 2013, p. 70).

Armstrong parte do raciocínio de que, embora Rosa seja um autor difícil de traduzir, a obscuridade das suas obras em língua inglesa não se deve apenas a traduções falhas – especialmente

¹⁰ Arquivo – IEB, Acervo Guimarães Rosa, código de referência: JGR-R15,02,48.

¹¹ Arquivo – IEB, Acervo Guimarães Rosa, código de referência: JGR-R15,02,31.

¹² Arquivo – IEB, Acervo Guimarães Rosa, código de referência: JGR-R15,02,51.

quando consideramos a tradução como um processo que envolve não somente o tradutor, mas também o editor, o público-alvo e a cultura de chegada. A hipótese de Armstrong, no caso de *Grande sertão: Veredas*, como primeira obra de Rosa a ser traduzida para o inglês e, portanto, estabelecer uma certa imagem do autor na cultura de chegada, é a de que o livro não tenha sido devidamente apresentado ao público. Como coloca Liporaci,

o fato de Guimarães Rosa estar sempre desvinculado do grupo de autores para os quais a compreensão da obra literária deve ser sempre política e o texto é criado sobretudo a partir do gosto do público leitor, parece justificar, pelo menos em parte, essa recepção. [...] Sendo assim, os sertanejos de Guimarães Rosa, pelo fato de não habitarem uma zona tropical e também por tenderem ao individualismo introspectivo, criam uma perspectiva anti-histórica e metafísica que contrasta imensamente com os autores do boom hispano-americano (LIPORACI, 2013, p. 58).

O que podemos depreender da trajetória das obras de Guimarães Rosa em língua inglesa, principalmente considerando sua publicação nos Estados Unidos, país onde se concentrou a maior parte das traduções nos anos 1960, é que o sucesso ou não do autor claramente não é apenas uma questão de dificuldade de tradução. Todo o processo de tradução e publicação depende não somente de escolhas individuais, mas é influenciado por fatores externos que pedem uma análise mais ampla. O “problema” de Rosa nos Estados Unidos, portanto, não se restringe somente ao texto traduzido em si, mas também à imagem do Brasil no contexto estadunidense. Como coloca Fitz (2020), o Brasil não se encaixa no que é esperado da literatura latino-americana, amalgamada no conceito de “realismo mágico”, que não considera a individualidade do trabalho de cada autor.

Naturalmente, isso não significa que o estudo das traduções em particular também não ofereça novos olhares, não somente sobre as estratégias tradutórias, como também uma oportunidade de analisar como se manifestam essas influências externas no texto – visíveis, por exemplo, em escolhas como a tradução ou não de termos como *sertão*, e de termos indígenas e regionais, comumente suprimidos ou levados para um glossário explicativo nas primeiras edições, e que têm ganhado novas interpretações em traduções mais recentes. O que se espera das traduções mais recentes de Rosa é uma nova oportunidade para o autor conseguir atingir uma nova geração de leitores fora do Brasil, assim com um novo fôlego para os estudos da tradução da obra rosiana.

REFERÊNCIAS

AMARAL, V. A. do. Broadening the notion of retranslation. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 39, n. 1, p. 239-259, jan./abr. 2019.

ANDRADE, M. S. A recepção de Guimarães Rosa nos EUA: processo tradutório e contexto cultural em foco. In: CONGRESO INTERNACIONAL CUESTIONES CRÍTICAS, 2., 2009, Rosario, Argentina. *Actas* [...]. Rosario: UNR, 2009.

ARMSTRONG, P. The Brazilian Novel. In: KRISTAL, E. (ed.). *The cambridge companion to the latin american novel*. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 105-124.

BARBOSA, H. G. *The virtual image: brazilian literature in english translation*. 1994. 463 f. Thesis (Ph.D.) – Centre for British and Comparative Cultural Studies, University of Warwick, 1994.

BERMAN, A. *Towards a translation criticism: John Donne*. Translated by Françoise Massadier-Kenney. Kent, Ohio: The Kent State University Press, 2009.

CARTER, R. de P. L. Little Blue Books nº 733 – Brazilian Short Stories. A relação entre o escritor brasileiro Monteiro Lobato e o norte-americano Isaac Goldberg. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 12., 2011, Curitiba, Paraná. *Anais [...]*. Curitiba: UFPR, 2011.

CARVALHO, L. S. de. *Do sertão ao sertón: tradução emancipadora e análise de neologismos de Grande sertão: veredas nas traduções para o espanhol*. 2018. 233 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

ESTEVES, L. M. R. A presença da literatura brasileira no exterior e a importância do agenciamento: uma análise guiada por conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 9-36, 2016.

FITZ, E. *Brazilian narrative traditions in a comparative context*. New York: MLA, 2005. (World Literatures Reimagined).

FITZ, E. The Reception of Machado de Assis and Clarice Lispector in the United States and beyond”. *Gláuks: Revista de Letras e Artes*, Viçosa, v. 20, n. 2, p. 17-34, jul./dez. 2020.

FERES, L. B.; BRISOLARA, V. S. A literatura brasileira em tradução: o caso do programa de apoio à tradução e à publicação de autores brasileiros no exterior”. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), s144-s154, nov. 2016.

FERNANDES, S. *A literatura brasileira traduzida nos EUA: abordagem descritiva e paratexto*. 2014. 89 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GOMES, M. L. S. D. *Identidades refletidas: um estudo sobre a imagem da literatura brasileira construída por tradução*. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LEVINE, S. J. The latin american novel in english translation. In: KRISTAL, E. (ed.). *The cambridge companion to the latin american novel*. New York: Cambridge University Press, 2006. p. 297-317.

LIPORACI, V. C. *Um estudo da tradução de Primeiras Estórias para o inglês*. 2013. 238 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.

MORINAKA, E. M. Ficção e política em tempo de guerra: o projeto tradutório estadunidense para a literatura brasileira (1943-1947). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 661-680, set./dez. 2017.

OLIVEIRA, K. M. de. *Guimarães Rosa retraduzido: aspectos da mitologia indígena nas traduções de “Meu tio o Iauaretê” para a língua inglesa*. 2021. 89 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

TORRES, M.-H. C. *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*. Tradução de Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes e Aída Carla Rangel de Sousa. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2014. 2 v.

VINCENT, J. S. *João Guimarães Rosa*. Boston: Twayne Publishers, 1978.

VENUTI, L. *The Scandals of Translation: towards an ethics of difference*. London: Routledge, 1998.

VERLANGIERI, I. V. R. *J. Guimarães Rosa: correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís*. 1993. 357 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1993.